

# **O ACONTECIMENTO ANTROPOCENO**

**A Terra,  
a história e nós**



# O ACONTECIMENTO ANTROPOCENO

A Terra,  
a história e nós

Christophe Bonneuil  
Jean-Baptiste Fressoz

*tradução* Marcela Vieira





*Para Leonor, Maia, Cecilia, Esteban, Pierre  
e outros tritões de mármore.*



# Sumário

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	13
<b>Parte I – O que significa o Antropoceno</b>	
1. Uma revolução geológica de origem humana	21
2. Pensar com Gaia. Rumo a humanidades ambientais	41
<b>Parte II – Falar para a Terra, guiar a humanidade. Frustrar a grande narrativa geocrática do Antropoceno</b>	
3. Clio, a Terra e os antropocenólogos	77
4. O especialista e <i>o anthropos</i> : Antropoceno ou Oligantropoceno?	99
<b>Parte III – Que histórias para o Antropoceno?</b>	
5. Termoceno. Uma história política do CO <sub>2</sub>	141
6. Tanatoceno. Potência e ecocídio	171
7. Fagoceno. Consumir o planeta	205

8. Fronoceno.	
As gramáticas e a reflexividade ambiental	233
9. Agnotoceno.	
Externalizar a natureza, economicizar o mundo	267
10. Capitaloceno.	
Uma história conjunta do sistema Terra e dos sistemas-mundo	297
11. Polemoceno.	
Objecções à ação antropocênica desde 1750	337
<i>Conclusão.</i>	
<i>Sobreviver e viver no Antropoceno</i>	381
<i>Lista de figuras</i>	387
<i>Índice onomástico</i>	389







## Prefácio

Por ocasião da publicação desta obra em inglês e da edição francesa de bolso em 2016, propusemo-nos revisar profundamente o manuscrito. O vigor dos debates recentes sobre o Antropoceno, assim como a dinâmica da história global, da história ambiental e das Ciências do Sistema Terra, exigia tal revisão. Sobretudo os debates e os encontros motivados pela primeira edição desta obra nos convenceram da necessidade de acrescentar dois novos capítulos. O primeiro, intitulado “Agnotoceno”, examina as construções intelectuais que tiveram como efeito a marginalização dos alertas ambientais e a negação dos limites ecológicos, desinibindo, assim, a ação humana na era do Antropoceno. O segundo, “Capitaloceno”, analisa a captura altamente desigual dos valores de uso ecológico do planeta e a dinâmica conjunta do capitalismo e das transformações do sistema Terra nos últimos 250 anos.

Gostaríamos de agradecer a todos os colegas cujos comentários entusiasmados ou críticos enriqueceram nosso trabalho, especialmente François Jarrige, Thomas Le Roux, Fabien Locher, Émilie Hache, Grégory Quenet, Marc Elie, Fredrik Albritton Jonsson, Simon Schaffer, David Edgerton, Clive Hamilton, Bruno Latour, Marc Robert, Dominique Pestre, Amy Dahan, Razmig Keucheyan, Cédric Durand, Pierre Charbonnier, Catherine Larrère, Sebastian Grevs mühl, Frédéric Neyrat, Eduardo Viveiros de Castro, Alessandro Stanziani. Também agradecemos a Séverine Nikel, Clara Breteau, Alice Leroy, Josette Fressoz, Cecilia Berthaud e Rebecca Berthaut pela leitura atenta de todo o manuscrito de 2013 –ou de partes dele –, e aos/às estudantes do curso “História do Antropoceno” dos últimos quatro anos, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, que nos permitiram experimentar e discutir nossos capítulos.



## Introdução

O que, exatamente, aconteceu na Terra nos últimos 250 anos?

O Antropoceno.

O Antropo – o quê?

O Antropoceno: já estamos nele, então é melhor assimilar essa palavra bárbara e seu significado. É a nossa era. Nossa condição. Essa era geológica é fruto da nossa história há mais de dois séculos. O Antropoceno é o sinal da nossa potência, mas também de nossa impotência. É uma Terra cuja atmosfera está alterada pelos 1.500 bilhões de toneladas de dióxido de carbono que despejamos com a queima do carvão e do petróleo. Um tecido vivo empobrecido e artificializado, impregnado de uma imensidão de novas moléculas químicas sintéticas capazes de modificar até mesmo nossa descendência. Um mundo mais quente, mais cheio de riscos e catástrofes, com uma cobertura glacial reduzida, mares mais altos e climas desequilibrados.

Proposto nos anos 2000 por especialistas das Ciências do Sistema Terra, o Antropoceno é uma tomada de consciência fundamental para entendermos o que está em curso. Pois não se trata de uma crise ambiental, e sim de uma revolução geológica de origem humana.

Não podemos nos fazer de ingênuos que de repente perceberam ter transformado o planeta: os responsáveis pela Revolução Industrial que nos fizeram entrar no Antropoceno desejaram e moldaram ativamente essa nova era. Saint-Simon, defensor daquilo que já se chamava “industrialismo”, escreveu o seguinte a propósito dos anos 1820:

o objeto da indústria é a exploração do globo, ou seja, a apropriação de seus produtos conforme a necessidade do homem, e, já que, ao concluir essa tarefa, ela modifica o globo, transformando-o, alterando gradualmente suas condições de existência, segue-se que, por meio dela, o homem acaba participando, fora de si mesmo por assim dizer, das sucessivas manifestações da divindade, dando continuidade à obra da Criação. Desse ponto de vista, a Indústria torna-se o culto.<sup>1</sup>

Seu homólogo pessimista, Eugène Huzar, previa em 1857:

Em cem ou duzentos anos, o mundo, que então estará sulcado por trilhos de ferro, por barcos a vapor, e coberto por usinas, fábricas, liberará bilhões de metros cúbicos de ácido carbônico e de óxido de carbono, e, como as florestas estarão destruídas, essas centenas de bilhões de ácido carbônico e de óxido de carbono possivelmente vão alterar a harmonia do mundo.<sup>2</sup>

Este livro se propõe a pensar essa nova era com base nas narrativas que podemos fazer dela. Ele nos convida a novas humanidades ambientais que ajudarão a renovar nossas visões do mundo e nossas formas de viver juntos na Terra. Os cientistas acumulam dados e modelos que nos situam além do ponto de não retorno ao Holoceno no mapa das eras geológicas. Produzem números e curvas indicando a humanidade como força geológica importante. Mas que narrativa pode dar sentido a essas curvas tão dramáticas?

- .....
1. SAINT-SIMON. *Doctrine*. Paris: Aux Bureaux de l'Organisateur, 1830. t.2, p.219.
  2. HUZAR, Eugène. *L'Arbre de la Science*. Paris: Dentu, 1857. p.106.

A pergunta não é nada teórica, pois toda narrativa que questiona “Como chegamos até aqui?” constitui, obviamente, a lente com a qual abordamos a pergunta “O que fazer agora?”.

Já existe uma narrativa oficial sobre o Antropoceno: no passado, “nós”, a espécie humana, teríamos destruído de maneira inconsciente a natureza até alterar o sistema Terra. Por volta do final do século 20, “cientistas do sistema Terra”, climatologistas, ecólogos, finalmente abriram nossos olhos: agora sabemos, agora temos consciência das consequências globais da ação humana.

Essa história do despertar não passa de uma fábula. A oposição entre um passado cego e um presente clarividente, além de ser historicamente falsa, despolitiza a longa história do Antropoceno. Ela se presta, acima de tudo, a valorizar nossa própria excelência. Seu lado apaziguador desmobiliza. Nos últimos vinte anos em que ela vem sendo contada, nós nos felicitamos muito, e a Terra afundou cada vez mais em desequilíbrios ecológicos.

Em sua variante administrativa, a moral da narrativa oficial consiste em dar aos engenheiros do sistema Terra as chaves da “espaçonave Terra”; em sua variante filosófica e fabuladora, ela consiste em lançar o convite para uma revolução moral e intelectual, que permitiria concluir um armistício entre humanos e não humanos e uma reconciliação de todos com o planeta.

Tomar o Antropoceno como um acontecimento, e não como uma coisa, significa levar a história a sério e aprender a trabalhar com as ciências consideradas duras, sem, no entanto, nos tornarmos os simples narradores de uma história natural das interações da espécie humana com o sistema Terra. Também significa observar que não basta medir para compreender e que não poderíamos contar apenas com dados científicos para dar início às revoluções/involuções necessárias. Significa, ainda, frustrar a narrativa oficial das variantes administrativas ou irênicas, e forjar novas narrativas e, portanto, novos imaginários para o Antropoceno.

Repensar o passado para abrir o futuro. O Antropoceno seria a era do homem? Talvez, mas o que significa para nós, humanos, ter o futuro de um planeta em nossas mãos? Acolhendo de braços abertos os trabalhos dos cientistas e dos filósofos, tentaremos pensar o Antropoceno como historiadores, pois, se o desequilíbrio ecológico atingir uma dimensão desmedida, não será a primeira vez que os homens se perguntarão sobre o que estão fazendo com o planeta. Obliterar suas reflexões e seus conhecimentos, suas lutas e suas derrotas, suas ilusões e seus erros seria perder uma experiência preciosa para os desafios atuais.

Por fim, tomar o Antropoceno como um acontecimento é constatar que atravessamos a porta de saída do Holoceno. Chegamos a um limite. Tal constatação deve revolucionar as visões de mundo que se tornaram dominantes com a afirmação do capitalismo industrial baseado na energia fóssil. Que narrativas históricas podemos oferecer sobre este último quarto de milênio que nos ajudarão a transformar nossas visões de mundo e habitar o Antropoceno de forma mais lúcida, respeitosa e equilibrada? Eis o propósito deste livro.

A primeira parte apresenta as dimensões científicas do Antropoceno (capítulo 1) e suas implicações radicais para nossas visões de mundo e para as Ciências Humanas e Sociais (capítulo 2). A segunda parte aponta para os problemas da narrativa “geocrática” que hoje domina o Antropoceno. Essa narrativa compreende a Terra como um sistema visto do céu (capítulo 3), a história como uma disputa entre a espécie humana como um todo e o planeta, e as sociedades como massas ignorantes e passivas que só podem ser guiadas e salvas por especialistas e pelas tecnologias verdes (capítulo 4). Demonstraremos que essa grande narrativa mais naturaliza e despolitiza nossa geo-história do que nos permite compreendê-la e explicá-la. A terceira parte propõe puxar fios históricos de 1780 até o presente: uma história



repolitizada da energia e do CO<sub>2</sub> (capítulo 5), uma história do papel determinante dos militares no Antropoceno (capítulo 6), uma história da fabricação da sociedade de consumo (capítulo 7), uma história das gramáticas, dos saberes e dos alertas ambientais (capítulo 8), uma história das construções intelectuais que permitiram marginalizar esses alertas e negar os limites do planeta (capítulo 9), um ensaio sobre a história conjunta do capitalismo e do Antropoceno (capítulo 10) e, finalmente, uma história das lutas socioecológicas e das contestações dos danos causados pelo industrialismo (capítulo 11).



## Parte I

# O que significa o Antropoceno

